

# UMA REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NO JORNALISMO NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

*Francilene de Oliveira Silva  
Rita de Cássia Romeiro Paulino  
Jorge Kanehide Ijuim*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção de conhecimento no jornalismo em um cenário de Inteligência Artificial Generativa, capaz de reproduzir a linguagem natural e produzir trabalhos “mentais” e “criativos”, algo até então realizado apenas por humanos. O artigo traz as obras do sociólogo Edgar Morin como suporte teórico sobre conhecimento, além de autores que associam o conhecimento ao jornalismo como Adelmo Genro Filho, Robert E. Park, Eduardo Meditsch e Van Dijk. Para isso, faz uso da revisão bibliográfica como metodologia. Ao final, busca-se entender se a produção de textos gerados por Inteligência Artificial Generativa pode ser considerada conhecimento.

**Palavras-chave:** Jornalismo como conhecimento. Inteligência Artificial Generativa. Jornalismo. Edgar Morin.

## A REFLECTION ON THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN JOURNALISM IN THE CONTEXT OF GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE

**Abstract:** Abstract: This work aims to reflect on the production of knowledge in journalism in a Generative Artificial Intelligence scenario, capable of reproducing natural language and producing “mental” and “creative” work, something previously only carried out by humans. The article brings the works of sociologist Edgar Morin as theoretical support on knowledge, as well as authors who associate knowledge with journalism such as Adelmo Genro Filho, Robert E. Park, Eduardo Meditsch and Van Dijk. To do this, it uses bibliographic review as a methodology. In the end, we seek to understand whether the production of texts generated by Generative Artificial Intelligence can be considered knowledge.

**Keywords:** Journalism as knowledge. Generative Artificial Intelligence. Journalism. Edgar Morin.

## UNA REFLEXIÓN SOBRE LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO EN EL PERIODISMO EN EL CONTEXTO DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

**Resumen:** Este trabajo pretende reflexionar sobre la producción de conocimiento en periodismo en un escenario de Inteligencia Artificial Generativa, capaz de reproducir el lenguaje natural y producir trabajo “mental” y “creativo”, algo que antes solo realizaban humanos. El artículo trae como sustento teórico sobre el conocimiento los trabajos del sociólogo Edgar Morin, así como de autores que asocian el conocimiento con el periodismo como Adelmo Genro Filho, Robert E. Park, Eduardo Meditsch y Van Dijk. Para ello utiliza como metodología la revisión bibliográfica. Al final, buscamos comprender si la producción de textos generados por la Inteligencia Artificial Generativa puede considerarse conocimiento.

**Palabras-clave:** Periodismo como conocimiento. Inteligencia Artificial Generativa. Periodismo. Edgar Morin.



## 1. INTRODUÇÃO

Em novembro de 2022, a empresa OpenAI lançou no mercado o *chatbot* ChatGPT que faz uso da Inteligência Artificial Generativa, capaz de gerar respostas às perguntas de usuários em uma linguagem muito similar à humana.

A palavra “Inteligência Artificial” (IA) é usada com muitos significados, mas “sempre referindo-se a processos em que a tecnologia simula a inteligência humana e que permitem que computadores e máquinas se comportem de maneira semelhante às pessoas” (Peña-Fernández, 2023, p. 2, tradução nossa<sup>1</sup>). O nome “generativa” de Inteligência Artificial significa que o *bot* pode criar informações novas a partir dos dados com os quais foi treinado.

O ChatGPT é um dos muitos *chatbots* de Inteligência Artificial Generativa que utilizam *Large Language Model* (Grandes Modelos de Linguagem) para geração de respostas estimulados por comandos (*prompts*) e tem colocado muitos campos do conhecimento em xeque, entre eles o Jornalismo. Como estes programas de computador conseguem reproduzir uma linguagem natural, alguns meios de comunicação já os testaram para produção de notícias completas; outros como ferramentas para apoiar o trabalho de jornalistas; e a maioria ainda não possui uma política de uso da tecnologia<sup>3</sup>.

As mudanças têm provocado discussões relacionadas às ameaças às atividades do jornalismo e do jornalista e sobre seu papel de intermediador entre a realidade e seus públicos. A realidade é aqui entendida sob a perspectiva do sociólogo e filósofo Edgar Morin (2011), uma realidade complexa que precisa ser interpretada e pensada sob novos olhares.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre como as máquinas que se utilizam de Large Language Model impactam o jornalismo, campo entendido como forma de conhecimento capaz de organizar, contextualizar, religar saberes, pensar e refletir. Com este novo ator em cena muitas perguntas vêm à tona. As máquinas poderiam substituir os jornalistas? Elas podem gerar conhecimento? Perguntas instigantes que não são recentes. Na década de

50, o matemático e cientista da computação Alan Turing já questionava se a máquina poderia ter um comportamento indistinguível do ser humano. Nos anos 70, Morin (2008) também se lançou à questão em busca de estabelecer diferenças entre o humano e as máquinas.

Com o avanço da tecnologia e o desenvolvimento de máquinas cada vez mais complexas, este artigo também pretende pensar a geração de conhecimento no jornalismo e sua relevância como mediador da realidade neste novo contexto apoiando-se conceitualmente, principalmente, nas ideias de Edgar Morin.

O trabalho está dividido em três partes: o conhecimento do ponto de vista de Edgar Morin; o jornalismo como forma de conhecimento, fundamentado em pesquisadores como Park (2008), Genro Filho (1997), Meditsch (2015) e Van Dijk (2005); e uma análise da Inteligência Artificial Generativa na produção de conteúdo e notícias que se baseia nas ideias de Morin (2003, 2008, 2011) e da linguista Bender (2021).

## **2. UMA REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE CONHECIMENTO SEGUNDO EDGAR MORIN**

Para Edgar Morin (2008), a noção de conhecimento parece evidente, mas à medida que questionamos, ela se fragmenta e se multiplica em outras noções originando mais perguntas. Porém, há elementos com presença constante nesta noção: a religação dos saberes, a contextualização e a junção de peças elaborada pelo processo cognitivo. O conhecimento é, portanto, um emaranhado de saberes fragmentados que são interpretados, contextualizados e religados.

Meditsch (2008) nos fala sobre uma ideia que o educador brasileiro Paulo Freire costumava propagar: o conhecimento autêntico nasce de uma pergunta. O ato de perguntar é fundamental para a produção do conhecimento, mas não só isso, faz parte de um emaranhado complexo em que a informação que entra (input) é diferente da que sai (output) e toda a

transformação acontece no processo. Por isso, o conhecimento não pode ser transmitido como algo fechado porque cada pessoa processa informações de acordo com suas vivências sociais, culturais e psíquicas.

Morin (2008) parte ainda da ideia de que a organização das informações, das representações e dos dados cognitivos disponíveis em uma cultura é fundamental para o conhecimento. E que o conhecimento é fundamental para a vida. O autor defende também que para organizar e articular as informações do mundo, necessita-se de uma reforma do pensamento.

Essa reforma é necessária porque, para Morin (2003), o paradigma simplificador e mutilador da disjunção e da redução domina nossa cultura. A simplificação ocorre, principalmente, a partir de Descartes que separou sujeito e objeto provocando uma disjunção, uma separação entre os saberes, a começar entre a Ciência e a Filosofia, o que, para Morin (2011, p. 11), privou a Ciência de "qualquer possibilidade de ela conhecer a si própria, de refletir sobre si própria".

Segundo Morin (2003), além da disjunção, a maioria das ciências até metade do século XX tinha como método de conhecimento a redução do conhecimento em suas partes provocando a hiperespecialização. Isso tirou o objeto de seu contexto rompendo a sistematicidade e a multidimensionalidade dos fenômenos, o que conduz a uma abstração matemática e privilegia tudo que é calculável.

A visão determinista também era um conceito fundamental, "isto é, a ocultação do acaso, do novo, da invenção, e a aplicação da lógica mecânica da máquina artificial aos problemas vivos, humanos e sociais" (Morin, 2003, p. 23-24). O ideal de conhecimento científico clássico era equiparar os fenômenos a uma máquina perfeita incluindo o próprio Cosmos.

Essa concepção ainda é presente. As ideias de Robert Wiener, desenvolvedor da cibernética, campo que impulsionou a Inteligência Artificial, "partem da hipótese de que o modo como os sistemas, sejam eles biológicos,

tecnológicos ou sociais, respondem às mensagens advindas do mundo exterior são equivalentes e redutíveis a modelos matemáticos" (Chaves, 2017, p. 20).

No entanto, para Morin (2011), esse paradigma que controla o pensamento Ocidental desde o século XVII permitiu progressos, mas com consequências nocivas que começaram a se revelar. Precisamos mudar a perspectiva. Vivemos hoje em um mundo complexo e isso exige mais de nós como produtores de conhecimento. Morin nos desafia a debruçarmo-nos sobre o conhecimento, suas condições, possibilidades e limites. Para além da mudança de paradigma, há outras questões que devem ser enfrentadas, como a da incerteza e a da relativização de todo conhecimento que tem surgido no último século questionando o próprio conhecimento científico que prometia a certeza em seus resultados.

[...] a crítica kantiana retirou do entendimento a possibilidade de atingir a "coisa em si", Nietzsche anunciou, de outra maneira não menos radical, a inexorabilidade do niilismo; [...] com efeito, Popper demonstrou que a "verificação" não bastava para garantir a verdade de uma teoria científica. [...] o teorema de Gödel estabeleceu a indemonstrabilidade lógica dos sistemas complexos. Desde então, nem a verificação empírica nem a verificação lógica são suficientes para estabelecer um fundamento seguro ao conhecimento (Morin, 2008, p. 21-22).

Além disso, a microfísica e a cosmologia, o estudo do "muito pequeno" e do "muito grande" têm provado existências de zonas da realidade que não obedecem às nossas categorias ou leis estabelecidas. O físico Niels Bohr reconheceu, por exemplo, a necessidade de ver as partículas físicas ao mesmo tempo como corpúsculos e como ondas. Porém, como lidar com a relativização e com a incerteza? Morin nos dá algumas pistas.

Para o sociólogo, "a dúvida e a relatividade não são somente corrosão; podem tornar-se também estímulo. A necessidade de relacionar, relativizar e historicizar o conhecimento não acarreta somente restrições e limites; impõe também exigências cognitivas fecundas" (Morin, 2018, p. 23).

Além do desafio do conhecimento de lidar com as incertezas, Morin propõe uma ruptura com o paradigma do determinismo e de reduzir a realidade de forma cada vez mais simples. Ele defende a criatividade, uma mudança de perspectiva incorporando a complexidade no pensamento a começar pela religação de saberes que foram separados em disciplinas.

O pensamento complexo<sup>4</sup> é um convite para lidarmos com questões cada vez mais difíceis. Ele sugere que o conhecimento está sempre em construção e que temos que lidar com a incerteza, pois o conhecimento nunca é estanque. Para Morin (2003), o pensamento complexo abre o caminho para o entendimento dos problemas humanos.

[...] o pensamento complexo conduz-nos a uma série de problemas fundamentais do destino humano, que depende, sobretudo, da nossa capacidade de compreender os nossos problemas essenciais, contextualizando-os, globalizando-os, interligando-os; e da nossa capacidade de enfrentar a incerteza e de encontrar os meios que nos permitam navegar num futuro incerto, erguendo ao alto a nossa coragem e esperança (Morin, 2003, p. 23).

O pensamento complexo trabalha com a ideia de incerteza, dessa forma, descarta a concepção de um mundo previsível e regular que pode ser representado como uma máquina. "O pensamento complexo é, portanto, essencialmente aquele que trata com incerteza e consegue conceber a organização. Apto a unir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo a reconhecer o singular, o individual e o concreto" (Morin, 2003, p. 30).

Para Morin (2018, p. 58), o conhecimento é a tradução, construção e solução de problemas. Primeiro, a tradução em signos/símbolos e em sistemas de signos/símbolos e posteriormente em representações, ideias e teorias; construção a partir de princípios e regras que permitem constituir sistemas cognitivos articulando informações, signos e símbolos e solução de problemas.

Como qualquer conhecimento cerebral, o conhecimento humano é, na origem e nos desenvolvimentos, inseparável da ação; como todo conhecimento cerebral, elabora e utiliza estratégias

para resolver os problemas postos pela incerteza e pela falta de completude do saber. Como todo conhecimento cerebral, o conhecimento humano organiza representações (percepções, memórias), as informações recebidas e os dados disponíveis. Mas, ao contrário de qualquer conhecimento cerebral (animal), o conhecimento humano associa reflexivamente atividade computante e atividade cogitante (pensante); e produz correlativamente representações, discursos, ideias, mitos, teorias; dispõe de pensamento, atividade dialógica da concepção, e da concepção, atividade reflexiva do espírito sobre si mesmo e sobre as suas atividades; o pensamento e a consciência utilizam necessariamente os dispositivos linguísticos-lógicos, ao mesmo tempo cerebrais, espirituais e culturais (Morin, 2008, p. 225).

Segundo Morin (2008), o conhecimento é um processo complexo que envolve a reflexão, o pensamento e a consciência e está inserido em uma cultura, o que distingue nosso cérebro dos outros animais. "O conhecimento humano é ao mesmo tempo cultural, espiritual, cerebral e computante" (Morin, 2008, p. 224).

[...] todo acontecimento cognitivo necessita da conjunção de processos energéticos, elétricos, químicos, fisiológicos, cerebrais, existenciais, psicológicos, culturais, linguísticos, lógicos, ideais, individuais, coletivos, pessoais, transpessoais e impessoais, que se encaixam uns nos outros. O conhecimento é, portanto, um fenômeno multidimensional, de maneira inseparável, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural e social (Morin, 2008, p. 18).

Vimos, portanto, que Morin associa a ideia de conhecimento ao pensamento complexo, longe das disjunções e das reduções. Além de novas perspectivas e olhares, pede organização, religação, contextualização em um processo complexo que não passa apenas pelo biológico, mas também pelo social, psicológico, cerebral, mental e cultural. Ao falar sobre conhecimento, Morin não o associou diretamente ao Jornalismo, mas muito do que expõe pode ser apropriado pela área. Alguns pensadores e pesquisadores relacionam conhecimento ao Jornalismo, muitas vezes aproximando-se de suas ideias, como veremos a seguir.

### 3. O JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

O sociólogo e jornalista norte-americano Robert E. Park apresenta a notícia como forma de conhecimento no artigo clássico "A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento"<sup>5</sup>, publicado originalmente no *American Journal of Sociology*, em 1940. O autor trata o conhecimento como um fato da vida humana e a notícia é apresentada como uma forma de se alcançar o conhecimento do mundo real.

Para Park (2008), o caráter exclusivo do conhecimento científico, em contraste com outras formas de conhecimento, é que ele é comunicável enquanto o senso comum ou conhecimento baseado na experiência prática não é.

O pesquisador estabelece a diferença entre "conhecimento de", um conhecimento não sistemático, de senso comum, e "conhecimento sobre", um conhecimento formal, que pode ser verificado. Para ele, a notícia, como forma de conhecimento, estaria em um nível intermediário, primariamente não interessada no passado ou no futuro, mas no presente cuja transitoriedade e efemeridade seriam sua verdadeira essência (Meditsch, 2015).

Genro Filho (1997) também voltou sua atenção para este tema e nos apresenta, na década de 1980, uma teoria do jornalismo como forma de conhecimento cristalizado no singular. Na elaboração desta definição, recorre à filosofia clássica alemã, especialmente Hegel, que define os conceitos de universal, particular e singular. Esses conceitos representam formas objetivas de existência de todas as coisas do mundo.

O singular é entendido como o acontecimento que não se repete, aquilo que é idêntico só a si mesmo. O particular o que pertence a um determinado grupo ou contexto em que o singular se insere; e o universal o que abarca os outros dois conceitos tentando dar conta da totalidade ou o que pode ser generalizado. Estes conceitos são sempre vistos de forma relacionada, ou

seja, na singularidade estão presentes a universalidade e a particularidade, assim como na universalidade estão presentes a particularidade e a singularidade.

Para Genro Filho (1987), a notícia acontece no singular e estabelece relações com o particular sendo uma forma social do conhecimento que as pessoas usam para tomar decisões no dia a dia. A notícia é apresentada como algo complexo em que o jornalista precisa estabelecer relações, conexões, ligações de saberes e contextos na mesma linha apresentada por Morin em relação ao conhecimento.

O jornalismo não desintegra e atomiza a realidade, pelo simples motivo que essa realidade não se oferece imediatamente à percepção como algo íntegro e totalizado. É no processo do conhecimento que a realidade vai sendo integrada, já que ela se mostra primeiro como caos, como algo desconhecido e imprevisível (Genro Filho, 1997, p. 211-212).

Segundo Genro Filho (1987), a reconstrução do mundo feita pelos jornalistas a partir de fenômenos singulares incorpora a concepção de mundo e posicionamento do próprio jornalista ou do meio de comunicação no qual trabalha, negando a ideia de jornalismo puramente neutro ou objetivo. Dessa forma, a notícia, sempre traz traços de subjetividade.

Talvez um dos maiores desafios para o jornalismo seja incorporar o conhecimento e a complexidade em seus relatos sobre o mundo. Muitas vezes, os automatismos, a precarização das condições de trabalho e mesmo a preguiça mental, são realidades vivas dentro das redações. Genro Filho fala da necessidade de se estabelecer as conexões e fugir das fragmentações.

Assim, a busca pela "especificidade" na atividade jornalística limita-se a uma receita técnica de fundo propriamente empírico, uma regra operativa que os jornalistas devem seguir sem saber o motivo, tornando-se presa fácil da ideologia burguesa e da fragmentação que ela proporciona. A realidade transforma-se em um agregado de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos. A totalidade torna-se a mera soma das partes; as

relações sociais, uma relação arbitrária entre atitudes individuais. O mundo é concebido como algo essencialmente imutável e a sociedade burguesa como algo natural e eterno, cujas disfunções devem ser detectadas pela imprensa e corrigidas pelas autoridades (Genro Filho, 1997, p. 155-156).

De acordo com Ijuim (2008, p. 139), o desafio dos jornalistas contemporâneos passa por alcançar um senso crítico e humano por meio de uma sólida formação humanística, prática reflexiva de técnicas e habilidades específicas e também do senso estético. Ou seja, um profissional tecnicamente eficiente, com senso crítico e humano.

O jornalismo pode ser considerado uma forma de conhecimento, especialmente quando visto como uma forma social de produção de conhecimento (Meditsch, 2015). Os jornalistas recorrem frequentemente à investigação acadêmica e ao conhecimento sistemático para melhorar a qualidade das suas histórias, sendo os que se especializam em temas relacionados com a ciência mais propensos a fazê-lo (Wihbey, 2017). A própria prática do jornalismo pode ser vista como uma forma de pesquisa, com as perspectivas dos profissionais contribuindo para o conhecimento acumulado (Niblock, 2012). Além disso, o processo de resolução de divergências entre fontes pode levar ao desenvolvimento do conhecimento, desafiando o foco tradicional nos “resultados finais” jornalísticos (Reich, 2019).

Meditsch (2015) também pensou a relação entre conhecimento e jornalismo. Ele defende a hipótese de que o Jornalismo é uma forma de produção de conhecimento que revela a realidade de forma diferente de outras formas de conhecimento, podendo mesmo trazer aspectos que estas outras não poderiam revelar. Segundo Meditsch (2015, p. 135, tradução nossa<sup>6</sup>), "considerar o jornalismo como modo de conhecimento, implica também em aumentar a exigência sobre a formação profissional dos jornalistas, que deixam de ser meros comunicadores para se transformarem em produtores e reprodutores de conhecimento".

O linguista Van Dijk (2005) analisou o papel do conhecimento nas notícias, sua produção e compreensão. Para ele, os jornalistas não podem produzir notícias sem algum tipo de conhecimento do mundo. Van Dijk (2005, p. 17-18) critica áreas como Inteligência Artificial, Psicologia e Linguística que questionam pouco sobre a natureza do conhecimento. Para ele, na Inteligência Artificial, há muitas pesquisas realizadas sobre a representação do conhecimento, mas pouco se sabe como o conhecimento se relaciona com as estruturas neurobiológicas do cérebro como Morin também questiona.

Assim, o jornalismo está relacionado ao conhecimento e lida com questões complexas. A abordagem da complexidade feita por Morin (2011) ajuda os jornalistas a analisar e relatar acontecimentos de maneira mais completa, considerando suas múltiplas dimensões e interações.

O pensamento complexo é um aliado na prática profissional de geração de conhecimento, pois enfatiza a necessidade de considerar a interconexão de elementos, a multiplicidade de perspectivas e as dimensões interdisciplinares entre os acontecimentos. Essa contribuição desafia os jornalistas a irem além das narrativas simplistas e superficiais, buscando uma compreensão mais profunda e completa dos tópicos que cobrem. Ao adotar uma abordagem complexa, os jornalistas podem fornecer uma cobertura mais rica e informada, ajudando o público a entender as nuances e as implicações mais amplas das notícias. Isso é particularmente relevante em um mundo onde os problemas, muitas vezes, envolvem múltiplos fatores interligados.

A complexidade integra um contexto de incerteza (tão característica de nossos dias) e pode trazer estratégias para nosso mundo. Para Morin (2003, p. 36), "o conhecimento progride, principalmente, não por sofisticação na formalização e na abstração, mas através da capacidade em contextualizar e globalizar".

Como o contexto está sempre associado ao conhecimento nas obras de Morin, Lückman (2020) ensaiou um conceito para sua definição adaptada ao Jornalismo. Sendo:

Contexto é o recorte da realidade relacionado ao acontecimento jornalístico que será representado simbolicamente como notícia. Esse recorte pode ser de maior ou menor amplitude, a depender das escolhas do jornalista, de seus referenciais epistêmicos e ideológicos, das peculiaridades do meio onde a notícia será publicada ou das possibilidades empíricas de alcance do fragmento a ser recortado. Contextualização é o processo de articulação complexa de elementos que, na construção da notícia, busca situar o acontecimento jornalístico dentro do recorte da realidade à qual pertence, com o estabelecimento do maior número possível de conexões entre esse acontecimento e os elementos relevantes a ele relacionados, partindo dos aspectos singulares e identificando informações conexas, pertinentes e consistentes que contribuam para ampliar a compreensão crítica sobre o tema, possibilitando, assim, a produção de conhecimento (Lückman, 2020, p. 217).

Ainda segundo Lückman (2023, p. 5), “contextualizar, na lógica complexa, significa religar os saberes de maneira coerente, lançando mão de princípios de organização que não são propostos como “receita”, mas como estratégias de pensamento que mobilizam a inteligência do sujeito que observa”.

Aplicada ao jornalismo, a ação de situar um acontecimento em seu contexto não significa apenas inscrevê-lo em um cenário ou ponto de vista, mas implica a busca por relações e inter-retroações entre o acontecimento ou fenômeno e o contexto; reconhecer a unidade dentro do diverso e o diverso dentro da unidade; compreender como uma mudança local gera repercussões no todo e vice-versa; reconhecer a unidade e a singularidade humanas em meio a diversidades culturais (Lückman, 2023, p. 5).

Para Morin (2003, p. 13) "o sentido de um texto é esclarecido pelo seu contexto". Ainda, segundo o autor, para, de fato, conhecermos, não podemos isolar uma palavra ou uma informação, mas ligá-la a um contexto e mobilizar nosso saber e nossa cultura para chegarmos a um conhecimento apropriado e oportuno. Ainda para o sociólogo, a hiperespecialização reduz a capacidade de contextualizar.

A especialização abstrai, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita laços e a intercomunicação do objeto com seu meio, insere-o no compartimento da disciplina, cujas fronteiras quebram arbitrariamente a sistematicidade (a relação de uma parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos, e conduz à abstração matemática, a qual opera uma cisão com o concreto, privilegiando tudo aquilo que é calculável e formalizável (Morin, 2003, p. 24).

O jornalismo é visto aqui, então, como uma forma de conhecimento que busca estabelecer conexões entre os fenômenos, organizar e contextualizar as informações em seu campo histórico, social, cultural, incorporando também subjetividades. O jornalista age como um mediador da realidade entre os diversos públicos e faz parte de seu papel enfrentar a incerteza.

#### **4. PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA. É POSSÍVEL FALAR EM CONHECIMENTO DAS MÁQUINAS?**

Para Morin (2008), é uma possibilidade pensar em uma máquina cognoscente, apesar de o computador continuar sendo um apêndice operacional do conhecimento humano. "Não é proibido imaginar, para o futuro, máquinas cognoscentes, artificiais no começo, e depois auto organizativas e dotadas de individualidade" (Morin, 2008, p. 226).

Esta questão sempre aguçou a curiosidade humana e inspirou muitos filmes relacionados a robôs e Inteligência Artificial. O lançamento do ChatGPT retomou uma discussão antiga sobre "máquinas inteligentes" ao apresentar respostas coerentes usando uma gigantesca base de dados como fonte.

Morin apontou um avanço imprevisível das máquinas como uma possibilidade. "Elas [as máquinas] se tornariam então novos seres-sujeito que gozariam e sofreriam com os seus conhecimentos, produziriam, talvez, os seus próprios mitos e poderiam então manipular as coisas ou mesmo os seres humanos" (Morin, 2008, p. 226). Porém, para alguns pesquisadores, como a linguista Bender (2021), cogitar que as máquinas possam adquirir

inteligência, pensar ou serem sencientes traz riscos de danos para a sociedade.

Morin diferencia a computação viva da computação artificial. O conceito de "computação" é definido por Turing como tratamento de símbolos. Para Morin, a máquina artificial mais evoluída foi concebida por humanos e a máquina viva mais arcaica, como a bactéria, é resultado da cisão de uma bactéria (ou seja, ela se auto origina sem dependências externas) já a máquina artificial recebe todas as instruções dos humanos. Dessa forma, "a máquina artificial não pode reproduzir-se e multiplicar-se. A máquina viva, sim. A máquina artificial é organizada do exterior. A máquina viva auto-organiza-se" (Morin, 2008, p. 50-51).

Para o autor (2008, p. 226), a diferença mais radical é que as máquinas resolvem nossos problemas, têm um caráter instrumental em que se submete aos projetos e finalidades dos grupos humanos que o criaram, enquanto o ser vivo, mesmo o mais arcaico, trata de resolver os seus próprios problemas. Ainda segundo o sociólogo (2008, p. 51), a máquina viva possui autonomia e integra a ordem e a organização de seu meio. A computação artificial não tem que tratar de uma relação vital entre o computador e o seu meio. Portanto, a computação viva é ao mesmo tempo organizadora/produtora/comportamental/cognitiva.

Como afirmou Norbert Wiener no início da automação, a chave é considerar a máquina não como um fim em si mesma, mas como "um meio para satisfazer as demandas do homem como parte do sistema homem-máquina" (Guérault *et al.*, 1966, tradução nossa).

A visão instrumental que considera a máquina apenas como algo a ser usado e manuseado pelo homem como sugere Morin (2008) e Norbert Wiener é bastante discutida e questionada por muitos pesquisadores. A Actor-Network Theory (ANT) dá visibilidade a atores não humanos nas relações sociais (Latour, 2012) e a teoria Human-Machine Communication (HMC) atribui à tecnologia não apenas a agência e transmissão da informação, mas também

o papel de comunicadora (Guzman, 2018). A tecnologia como ferramenta parece não mais responder às questões atuais colocadas com o surgimento de máquinas complexas que usam aprendizado de máquina para se auto aperfeiçoar.

Para Gunkel (2018), os sistemas de aprendizado de máquina são projetados e configurados intencionalmente para fazer coisas para as quais seus programadores não conseguem prever uma resposta. Trata-se de um sistema de computador autônomo que parece ter vontade própria. O ChatGPT é um exemplo, pois parece produzir o que normalmente chamaríamos de obras originais. Porém, Mark Riedl e outros chamaram o que essas máquinas fazem de mera "imitação" e não de real criatividade (Simonite, 2016 *apud* Gunkel 2018, p. 230).

A produção de conteúdo por meio de *chatbots* que usam Inteligência Artificial Generativa e que parecem ser criativas tem gerado debates dentro do jornalismo. O portal americano sobre tecnologia CNET foi duramente criticado no início de 2023 pela falta de transparência quanto ao uso da tecnologia na publicação de diversos textos equivocados. Os conteúdos eram assinados por "CNET Money Staff", sem deixar claro que se tratava de um bot de IA generativa<sup>7</sup>. As críticas levaram algumas organizações de mídia a criarem uma política própria de uso de IA dentro das redações.

O portal de ciência, tecnologia e cultura Gizmodo publicou, em julho de 2023, a matéria "Uma lista cronológica de filmes e programas de TV de Star Wars"<sup>8</sup> assinada por "Gizmodo Bot". O post deveria citar a lista em ordem cronológica, mas as produções estavam fora de ordem e algumas foram omitidas. O subeditor do io9, do grupo Gizmodo, James Whitbrook, denunciou o erro no Twitter informando que a redação não participou do processo ou revisou o material produzido pela Inteligência Artificial Generativa antes da publicação.

Esses problemas acontecem porque mesmo que o texto seja coerente, nem sempre está correto, pois o compromisso dos Large Language Models é com

a previsão da próxima palavra, é uma probabilidade matemática, e não a realidade dos fatos. Essa tendência do modelo em gerar resultados que não estão baseados em seus dados de treinamento é chamada de "alucinação".

Como a tecnologia está sendo incorporada rapidamente dentro do jornalismo é importante saber como estes modelos funcionam. O que o ChatGPT e outros modelos de linguagem fazem é impressionante e levantam questões: eles estão funcionando como um cérebro? A linguagem dos *chatbots* é semelhante à linguagem humana? Eles estão produzindo conhecimento?

Para Morin (2008, p. 85), a linguagem passa por um processo evolutivo, sem a linguagem o espírito humano não teria atingido o mesmo desenvolvimento e o cérebro do *homo sapiens* teria ficado limitado ao de um animal.

A linguagem é tão necessária à constituição, à perpetuação, ao desenvolvimento da cultura quanto à inteligência, ao pensamento e à consciência do homem; tão consubstancial ao humano do humano que se pode dizer que a linguagem faz o homem. Mas essa ideia mutila uma verdade complexa: a linguagem fez o homem que a fez; assim como fez a cultura que a produziu (Morin, 2008, p. 133).

Morin (2008, p. 134) defende que a cogitação formula-se pela linguagem e que graças a ela toda operação cognitiva pode ser nomeada, comunicada, examinada e conscientizada refletindo sobre sua complexidade e importância no processo do homem se tornar um ser pensante.

A linguagem é ao mesmo tempo individual, comunicacional e comunitária (somente ela pode formular o mito fraternal que solda uma sociedade). Somente a linguagem está equipada ao mesmo tempo para assegurar a reprodução cultural (a perpetuação da complexidade social) e a solução individual dos problemas (que favorece o desenvolvimento da complexidade social). Somente a linguagem pode formular o desvio, a crítica, a contestação, permitindo que se expliquem (Morin, 2008, p. 134).

O ChatGPT e outros modelos de linguagem têm a capacidade de fornecer respostas com base em informações e princípios que foram incorporados durante seu treinamento, sua linguagem está relacionada à probabilidade

matemática. Portanto, sua capacidade de fornecer uma abordagem complexa e integrada da realidade parece ser limitada em comparação com o raciocínio humano.

No entanto, para Geoffrey Hinton, cujo trabalho moldou os sistemas de IA como conhecemos hoje, esses sistemas podem ser mais inteligentes do que imaginamos, tomar decisões com base em experiências e há uma chance de assumirem o controle e se tornarem conscientes. Em *60 minutes* (2023), programa da CBS News, Hinton diz que a Inteligência Artificial Generativa está prevendo a próxima palavra e, segundo ele, para fazer essa previsão de forma precisa, é necessário entender as sentenças, o que exige inteligência.

Alguns autores não entendem desta forma. Ainda na década de 1980, John Searle avançou com o Argumento do Quarto Chinês, cuja implementação pretende mostrar que computadores não possuem estados mentais genuínos e apenas replicam símbolos por meio de associações. Segundo o autor, a manipulação de símbolos não tem intencionalidade e a atividade de um chatbot seria inteiramente cega. Primo (2007) exemplifica o Argumento do Quarto Chinês de Searle. Para compreendê-lo, imagine uma pessoa que apenas fale português trancada em um quarto. Ela possui apenas um texto em chinês e um conjunto de regras de tradução para o português. Com base nas regras, ela passa a escrever sequências de símbolos em chinês, como resposta aos textos que vai recebendo. Após certo tempo, a pessoa manipula cada vez melhor as regras. Um observador poderia dizer que aquela pessoa compreende chinês. Mas ela não conhece o significado dos símbolos, apenas analisa e responde de forma mecânica, em um exercício cego de associações de signos, não uma autêntica compreensão da linguagem.

Conforme Searle (1997 *apud* Primo, 2007), não há intencionalidade intrínseca nestas máquinas.

[...] Para que se entenda bem o que ele quer dizer com esse conceito, deve-se compreender o seu contraste; a intencionalidade *como-se*. Com esses dois conceitos, Searle pretende opor a “coisa real” à mera aparência da coisa (em suas palavras, “como-

se-tivesse-intencionalidade). É evidente, diz o autor, que animais têm *sede*, *fome*, *vêm* e *temem* certas coisas (as expressões em itálico indicam estados de intencionalidade intrínseca). Mas, ao dizer que o termostato *percebe* as mudanças de temperatura, que o carburador *sabe* quando enriquecer a mistura e comparar a *memória* de dois computadores, é tratar da intencionalidade *como-se*, pois não implicam nenhum fenômeno mental. Searle (1997, p. 122) comenta que “Não há nada de nocivo, enganoso ou filosoficamente equivocado nas atribuições como-se metafóricas. O único engano é tomá-las literalmente” (Primo, 2007, p. 162-163).

Para Primo (2007, p. 163), sobre Cybelle, um robô de conversação, o mecanismo não compreende o que está sendo dito ou sobre o que se está falando. No seu entender, o pseudo-diálogo parece natural e inteligente, mas quando a previsão falha, o robô não tem como criar autonomamente respostas ainda não cadastradas e nem mesmo aprender verdadeiramente com o internauta. No caso das tecnologias mais recentes, quando o robô parece não encontrar respostas em seu banco de dados, ele “alucina” oferecendo como respostas informações falsas. Segundo Primo (2007, p. 167-168), as máquinas possuem cegueiras quanto às abstrações, a complexidade não pode ser agarrada em sua totalidade, sistematizada por regras e fechadas em um pacote e que o senso comum é fruto da interação ativa do ser humano em seu meio.

Bender (2021) tem a mesma visão sobre esse processo. Ela usou o conceito Stochastic Parrots (Papagaios Estocásticos) para se referir aos Large Language Models no artigo “Sobre os perigos dos papagaios estocásticos: os modelos de linguagem podem ser grandes demais?”<sup>9</sup>. No aprendizado de máquina, um papagaio estocástico é um grande modelo de linguagem que gera uma linguagem convincente, mas que não entende o significado do que está processando.

O texto gerado por um LM não se baseia na intenção comunicativa, em qualquer modelo de mundo ou em qualquer modelo do estado de espírito do leitor. Isso não pode acontecer porque os dados de treinamento nunca incluíram o compartilhamento de pensamentos com um ouvinte, nem a máquina tem capacidade para fazer isso. Isto pode parecer contra-intuitivo, dadas as

qualidades cada vez mais fluentes do texto gerado automaticamente, mas temos que levar em conta o fato de que a nossa percepção do texto em linguagem natural, independentemente de como foi gerado, é mediada pela nossa própria competência linguística e pela nossa predisposição para interpretar atos comunicativos como transmitindo significado e intenção coerentes, quer o façam ou não. O problema é que, se um lado da comunicação não tem significado, então a compreensão do significado implícito é uma ilusão que surge da nossa compreensão humana singular da linguagem (independente do modelo). Ao contrário do que pode parecer quando observamos o seu resultado, um LM é um sistema para unir aleatoriamente sequências de formas linguísticas que observou nos seus vastos dados de treino, de acordo com informações probabilísticas sobre como elas se combinam, mas sem qualquer referência ao significado: um papagaio estocástico (Bender, 2021, p. 616, tradução nossa)<sup>10</sup>.

No entender de Bender (2021, p. 616), a tendência de pesquisadores e outras pessoas a confundirem o desempenho dos modelos de linguagem com a compreensão real da linguagem natural apresenta riscos de danos no mundo real à medida que essas tecnologias são implantadas, pois envolvem custos ambientais, pela intensidade energética necessária; financeiros, por criar uma barreira de entrada devido ao alto investimento e risco de oportunidades ao desviar pesquisadores de outras direções.

Geralmente o texto que fornecemos de entrada para uma pesquisa em plataformas de IA muitas vezes fornece conhecimento limitado para gerar o resultado desejado, de modo que o desempenho da geração de texto ainda está longe de ser satisfatório em muitos cenários do mundo real. Para resolver esta questão, Yu Wenhao *et al.* (2022) consideraram incorporar (i) conhecimento interno incorporado no texto de entrada e (ii) conhecimento externo de fontes externas, como base de conhecimento e gráfico de conhecimento, no sistema de geração de texto. Este tópico de pesquisa é conhecido como geração de texto aprimorada por conhecimento.

Além destes, na área da comunicação, há também custos relacionados à desinformação, vieses, responsabilização, questões éticas e direitos autorais. Segundo Ochs (2023), as inteligências artificiais não podem ser

verdadeiramente inteligentes porque não possuem a dimensão ética e de avaliar o impacto e as consequências de suas decisões para além do resultado imediato alcançado. Para Bender (2022), é importante entender os interesses que estão por trás da tecnologia e fazer as perguntas certas, principalmente os jornalistas.

Pesquisas mais recentes de Zhou e Lee (2024), entretanto, apontam que a IA de texto para imagem aumenta significativamente a produtividade criativa humana em 25% e aumenta o valor medido pela probabilidade de receber um menção por visualização em 50%.

## 5. CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS E REFLEXÕES

Morin (2008) não descarta a possibilidade de máquinas cognoscentes. Geoffrey Hinton também não. O avanço das pesquisas e tecnologias as têm deixado cada vez mais complexas em processos de aprendizagem profunda e com capacidades adquiridas que antes eram apenas humanas, como a linguagem, mesmo que não tenham ideia de seu significado.

Voltando a Paulo Freire: todo conhecimento começa por uma pergunta. Os *chatbots* de IA Generativa ainda não formulam suas próprias questões, não têm a capacidade crítica, ética e interpretativa dos jornalistas humanos, que podem contextualizar com cogitação, investigar e oferecer insights que vão além do que um modelo de linguagem pode fazer atualmente. Para Morin (2008), o conhecimento humano é ao mesmo tempo cultural, espiritual, cerebral e computante. Pelo que aponta a maior parte dos estudos mencionados, as dimensões culturais, espirituais e mesmo a cerebral em sua totalidade não estão incorporadas nestas máquinas.

O cenário retratado parece apontar que a habilidade de fornecer uma abordagem verdadeiramente complexa e integrada da realidade requer o julgamento humano, a experiência e a capacidade de contextualizar as informações com base em diversos fatores. As máquinas podem religar saberes, mas conseguem interpretá-los? Jornalistas humanos, com seu

treinamento, experiência e compreensão das nuances das histórias são únicos em fornecer uma análise abrangente e integrada. A Inteligência Artificial Generativa também não presencia a singularidade dos fenômenos nem atua no momento presente. Ela precisa que os dados sejam fornecidos para que possa formular uma resposta.

Dessa forma, entendemos que o jornalismo e os jornalistas humanos mantêm seu papel protagonista de geração de conhecimento e intermediador da realidade entre os diversos públicos, mesmo dentro de um contexto de máquinas comunicadoras. Porém, pelo pensamento complexo, não há certezas e nosso desafio é enfrentar as incertezas.

## REFERÊNCIAS

60 MINUTES. Godfather of AI" Geoffrey Hinton: The 60 Minutes Interview. YouTube. 9 out. 2023. Disponível em: [https://youtu.be/grvK\\_KuleJk?si=kZ4Fixs8m4gUHG41](https://youtu.be/grvK_KuleJk?si=kZ4Fixs8m4gUHG41). Acesso em 24. mar. 2024.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; SCHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: Can language models be too big?. Proceedings of the ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT'21), 2021. Association for Computing Machinery, New York.

BENDER, Emily M. On NYT Magazine on AI: Resist the Urge to be Impressed. Medium. 17 abr. 2022. Disponível em: <https://medium.com/@emilymenonbender/on-nyt-magazine-on-ai-resist-the-urge-to-be-impressed-3d92fd9a0edd>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CHAVES, Viviane Hengler Corrêa. NORBERT WIENER: A Teoria Cibernética de um Matemático. **Revista Brasileira de História da Matemática**, [S.l.], v. 17, n. 34, p. 19–48, 2017. Disponível em: <https://www.rbhm.org.br/index.php/RBHM/article/view/31>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. São Paulo: Editora Ortiz, 1997.

GENRO FILHO, Adelmo. Transcrição Palestra Adelmo Genro Filho. Porto Alegre: Erecom, PUC-RS, 1987. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1y5TtEBWb1jiLaFHj6voXI03UafNNjbDI/view?usp=sharing>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GUNKEL, David. Ars Ex Machina: Rethinking Responsibility in the Age of Creative Machines. In: GUZMAN, Andrea L. (ed.). **Human-Machine Communication: Rethinking communication, technology, and ourselves**. p. 221-236. New York: Peter Lang, 2018.

GUÉROULT, Marcial. **El concepto de la información en la ciencia contemporánea**. Madrid: Siglo XXI Editores, 1966.

GUZMAN, Andrea L. What is human-machine communication, anyway? *In*: GUZMAN, Andrea L. (ed.). **Human-machine communication: Rethinking communication, technology, and ourselves**. p. 1-28. New York: Peter Lang, 2018.

IJUIM, Jorge Kanehide; SUIJKERBUIJK, Herma Aafke; SCHIMIDT, Laureane de Queiroz. Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 137-148, 2008.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede**. Salvador; Bauru; São Paulo: Edufba; Edusc, 2012.

LÜCKMAN, Ana Paula. **Jornalismo, conhecimento e contexto**: pensamento complexo para uma atividade em transformação. Florianópolis: Insular, 2020.

LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Contexto e Contextualização no Jornalismo: uma proposta conceitual e metodológica. **Revista FAMECOS**, v. 30, n. 1, 2023.

MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a Form of Knowledge: a qualitative approach. **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 2, p. 121–136, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. *In*: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 3**: conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NIBLOCK, Sarah. Envisioning Journalism Practice as Research. **Journalism Practice**, v. 6, n. 4, p. 497–512, 2012.

OCHS, Mariana. Do que falamos quando falamos de ética das IAs?. Medium. 24 out. 2023. Disponível em: <https://mariochs.medium.com/do-que-falamos-quando-falamos-de-%C3%A9tica-das-ias-f65a0597f8a5>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. *In*: BERGER, C. (org.); MAROCCO, B. (org). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEÑA-FERNÁNDEZ, Simón; MESO-AYERDI, Koldobika; LARRONDO-URETA, Ainara; DÍAZ-NOCI, Javier. Without journalists, there is no journalism: the social dimension of generative artificial intelligence in the media. **Profesional de la información**, v. 32, n. 2, 2023.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

REICH, Zvi; BARNOY, Aviv. Disagreements as a form of knowledge: How journalists address day-to-day conflicts between sources. **Journalism**, v. 22, n. 4, p. 882-900, 2021.

VAN DIJK, T. A. Notícias e Conhecimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 13-29, 2005. Tradução Luciano Bottini, Heloiza Herczovitz e Eduardo Meditsch. Disponível em: <https://periodocos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2138/1850>. Acesso em: 18 nov. 2023.

YU, Wenhao; ZHU, Chenguang; LI, Zaitang; HU, Zhiting; WANG, Qingyun; JI, Heng; JIANG, Meng. A Survey of Knowledge-enhanced Text Generation. **ACM Computing Surveys**, v. 54, n. 11, p. 1-38, 2022.

WIHBEY, John. Journalists' Use of Knowledge in an Online World: Examining reporting habits, sourcing practices and institutional norms. **Journalism Practice**, v. 11, n. 10, p. 1267-1282. 2017.

ZHOU, ERIC; LEE, DOKYUN. Generative artificial intelligence, human creativity, and art. **PNAS Nexus**, [S.l.], v. 3, n. 3, 2024.

---

#### Notas:

<sup>1</sup> No original: always referring to processes in which technology simulates human intelligence and that allows for computers and machines to behave in a similar way to people.

<sup>2</sup> Este conceito é explicado no subtítulo deste trabalho denominado "Produção de notícias por Inteligência Artificial Generativa. É possível falar em conhecimento das máquinas?".

<sup>3</sup> Roper, Dean. Gauging Generative AI's Impact in Newsrooms. WAN-IFRA. 24 maio 2023. Disponível em: <https://wan-ifra.org/insight/gauging-generative-ais-impact-in-newsrooms/>. Acesso em: 25 maio 2023.

<sup>4</sup> Ideia retratada por Morin a partir dos estudos de Fritjof Capra.

<sup>5</sup> No Original: "News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge". Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2770043>. Acesso em: 4 nov. 2023.

<sup>6</sup> No original: Viewing Journalism as a mode of knowledge also implies increasing demands on the professional qualification of journalists, who will no longer be mere communicators, for they are now producing and reproducing knowledge.

<sup>7</sup> Landymore, Frank. CNET is quietly publishing entire articles generated by AI. 15 jan. 2023. Disponível em: <https://futurism.com/the-byte/cnet-publishing-articles-by-ai>. Acesso em: 16 jun. 2023.

<sup>8</sup> Gizmodo Bot. A Chronological List of Star Wars Movies & TV Shows. Atualizada em 6 jun. 2023. Disponível em: <https://gizmodo.com/a-chronological-list-of-star-wars-movies-tv-shows-1850592566>. Acesso em: 10 nov. 2023.

<sup>9</sup> Título no original: On the dangers of stochastic parrots: can Language Models be too big?

<sup>10</sup> No original: Text generated by an LM is not grounded in communicative intent, any model of the world, or any model of the reader's state of mind. It can't have been, because the training data never included sharing thoughts with a listener, nor does the machine have the ability to do that. This can seem counterintuitive given the increasingly fluent qualities of automatically generated text, but we have to account for the fact that our perception of natural language text, regardless of how it was generated, is mediated by our own linguistic competence and our predisposition to interpret communicative acts as conveying coherent meaning and intent, whether or not they do. The problem is, if one side of the communication does not have meaning, then the comprehension of the implicit meaning is an illusion arising from our singular human understanding of language (independent of the model). Contrary to how it may seem when we observe its output, an LM is a system for haphazardly stitching together sequences of linguistic forms it has observed in its vast training data, according to probabilistic information about how they combine, but without any reference to meaning: a stochastic parrot.

**SOBRE OS AUTORES:****Francilene de Oliveira Silva**

Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-Graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Pós-Graduada em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Participante do Núcleo de Estudos e Produção em Hipermissão aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor) do Grupo de Pesquisa Hipermissão e Linguagem/CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2798-6969>  
E-mail: [oliveirafrancilene@gmail.com](mailto:oliveirafrancilene@gmail.com)

**Rita de Cássia Romeiro Paulino**

Pós-Doutora, ex-bolsista do CNPq, no Social Media Lab na Universidade de Ryerson, Toronto - Ca. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (ECG/UFSC). Atua como Professora no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor/UFSC), Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mestrado Profissional (PPGCOMPRO/UFMA) e colaboradora no Programa de Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento (EGC/UFSC). Docente do curso de Jornalismo da UFSC. Faz parte da Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec) e Núcleo de Estudos e Produção em Hipermissão aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor) do Grupo de Pesquisa Hipermissão e Linguagem/CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3020-7091>  
E-mail: [rcpauli@gmail.com](mailto:rcpauli@gmail.com)

**Jorge Kanehide Ijuim**

Jornalista. Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Realizou estágio pós-doutoral pela Universidade de Coimbra, Portugal. Professor aposentado/voluntário do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4685-5915>  
E-mail: [ijuimjor@gmail.com](mailto:ijuimjor@gmail.com)

**Artigo recebido em: 12 maio 2024. | Artigo aprovado em: 17 jun. 2024.**